

Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas: 1965-77

Mestre Renata Cristina de Oliveira Maia Zago
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

RESUMO

Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas aconteceram no Museu de Arte Contemporânea de Campinas de 1965 a 1977, sendo posteriormente retomados, em duas edições, nos anos 1980. Inicialmente realizados nos mesmos moldes de um salão tradicional foram, ao longo de suas edições, modificando seu caráter e sua estrutura. O certame pretendia, além de mostrar a produção de arte emergente naquela época, discutir como deveria ser organizado um Salão de Arte. Tais eventos, que no início obtiveram pequeno destaque, aos poucos se transformaram em acontecimentos de grande relevância, procurados por artistas do Brasil todo.

Podemos dividir as exposições em dois momentos: no primeiro, de 1965 a 1969, as obras eram inscritas nas categorias estéticas tradicionais. No segundo, houve uma grande preocupação dos organizadores da mostra em atualizá-la, assim como acontecia em exposições de mesmo caráter em outros locais do Brasil, como em São Paulo e Rio de Janeiro.

O estudo faz um levantamento da trajetória destas exposições, realizadas nos anos 1960 e 70, procurando dar ênfase às diretrizes que as nortearam e ao tipo de arte que abrigaram.

Palavras chaves: Salões de Arte, Museu de Arte Contemporânea de Campinas, Arte nos anos 1960-70.

ABSTRACT

The Campinas Contemporary Art Salons took place in the Campinas Contemporary Art Museum from 1965 to 1977, being afterwards resumed in two editions in the 1980s. Initially realized in the same moulds of a traditional salon, they gradually modified their character and structure in the course of its editions. Besides showing the emergent art production of that time, the initiative aimed at discussing how an Art Salon should be organized. Such events, which initially obtained little prominence, gradually became highly relevant happenings, attracting artists from all parts of Brazil.

We can divide the exhibitions into two moments: in the first, from 1965 to 1969, the artworks were inscribed in the traditional aesthetic categories. In the second, there was a great concern from the show's organizers in updating it, as it was happening in exhibitions of the same kind in other venues in Brazil, such as São Paulo e Rio de Janeiro.

The study surveys these exhibitions' trajectories, realized in the 1960s and 70s, highlighting the rules which guided them and the kind of art they sheltered.

Keywords: Art Salons, Campinas Contemporary Art Museum, Art 1960s-70s.

Antecedentes dos SACCs: o grupo Vanguarda e a criação do MACC

Durante os anos 1950, na cidade de Campinas, ainda eram realizados os Salões de Belas Artes, com supremacia absoluta da arte acadêmica. Mas a “explosão” dos acontecimentos artísticos durante o final da década de 1940 e início da década de 1950, nos grandes centros brasileiros, como a criação de importantes museus de arte moderna (MAM-SP e MAM-RJ) e a realização das Bienais de São Paulo, foi aos poucos chegando às cidades do interior e provocando mudanças na maneira dos jovens artistas entenderem a arte de seu tempo, o que levou a uma ruptura tardia com o “academicismo”.

Todavia, as origens do movimento de “renovação da arte” em Campinas surgiram basicamente na atuação de alguns artistas que tinham o desejo comum de romper com os padrões acadêmicos estabelecidos na cidade. À medida que aumentava o acesso à arte contemporânea, e o acontecimento da I Bienal foi decisivo, os artistas residentes em Campinas sentiram necessidade de desenvolver um trabalho mais consciente e começaram a buscar novas soluções plásticas.

Podemos citar a atuação de alguns artistas, entre os quais Thomaz Perina, que enquanto professor de uma escola de arte, começou a questionar sua teoria e seus métodos para ensinar. Suas idéias sobre a arte também influenciaram alguns alunos, que assumiram a necessidade de um novo processo criativo. Assim, Geraldo de Souza, Maria Helena Motta Paes e Francisco Biojone começam a colocar em dúvida suas paisagens, naturezas mortas e retratos.

Em 1957, Geraldo Jurgensen chegou do Rio de Janeiro, onde terminou o curso de Arquitetura, trazendo novas experiências de exposições de arte contemporânea. Uniu-se então aos artistas Perina, Mário Bueno e Enéas Dedecca. O grupo resolveu organizar uma exposição juntamente com os alunos de Perina. Raul Porto compareceu com alguns desenhos e foram ainda convidados dois artistas italianos, Edoardo Belgrado e Franco Sacchi, além de outros nomes: Geraldo Décourt (de São Paulo), Ermes de Bernardi, Mário Carneiro (do Rio) e Lélío Coluccini.

Isso deu origem, em 04 de setembro de 1957, à *I Exposição de Arte Contemporânea de Campinas*, no saguão do Teatro Municipal. Assim, o espaço anteriormente reservado apenas para a arte tradicional começou a ceder lugar a uma arte menos usual na cidade. Após a mostra, os artistas passaram a se reunir e iniciaram, então, a luta por um objetivo: criar a consciência da arte contemporânea na cidade de Campinas. Se autodenominaram grupo Vanguarda¹ e organizaram a *II Exposição de Arte Contemporânea de Campinas*, no andar térreo do Edifício Catedral. Com a participação do jornalista e poeta Alberto Amêndola Heinzl, redigiram um manifesto contendo os objetivos, princípios e estratégias do grupo, que foi publicado no *Jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em junho de 1958.

Essa vontade dos artistas campineiros de mostrar sua arte tornou-se uma necessidade ainda maior e um problema quando o Teatro Municipal da cidade foi fechado por período indeterminado. A galeria Aremar, pertencente a Raul Porto, era o único local em que o grupo ainda podia expor. Dessa forma, criar um local para exposições permanentes de arte contemporânea tornou-se o maior objetivo do grupo.

Observar o que ocorria no panorama artístico de São Paulo foi um fator decisivo para que a Secretaria da Educação e Cultura de Campinas apoiasse a idéia defendida pelo grupo Vanguarda: a criação de um museu.

Assim, em setembro de 1965, a prefeitura municipal criou o Museu de Arte Contemporânea de Campinas - José Pancetti (MACC) na Avenida da Saudade junto à Secretaria Municipal de Cultura. Somente após alguns anos, em 1976, o MACC recebeu um prédio que seria sua sede definitiva, onde se encontra atualmente, na Avenida Benjamin Constant, 1633.

No momento em que o MACC assume as atividades das artes plásticas locais, parece que, o grupo Vanguarda espontaneamente como surgiu, começa a se dispersar. Seus artistas, independentes, continuam a participar de mostras, salões e bienais.

Salões de Arte Contemporânea de Campinas: Um Panorama

Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas (SACCs) aconteceram, quase todos os anos, de 1965 a 1977, com uma retomada nos anos 1980, quando foram realizadas duas mostras. O enfoque deste artigo são os Salões que aconteceram nas décadas de 1960 e 70, pois as edições dos anos 1980 não tiveram o mesmo caráter das anteriores.

¹ O Grupo Vanguarda contou de forma definitiva e constante com os seguintes artistas: Thomaz Perina, Mário Bueno, Geraldo Jurguensen, Enéas Dedeca, Francisco Biojone, Franco Sacchi, Geraldo de Souza, Maria Helena Motta Paes Raul Porto. Integrou-se em 1964 Bernardo Caro. Edoardo Belgrado, Geraldo Décourt, Ermes de Bernardi, membros fundadores, participaram - por diferentes motivos - de duas ou três exposições. Belgrado afastou-se de Campinas em virtude de trabalho, retornando depois à Itália. José Armando Pereira da Silva e Alberto Amêndola Heinzl, críticos de arte, participaram do grupo por diversos anos contribuindo principalmente com a divulgação através da página Minarete, do jornal de Campinas Correio Popular.

O I Salão de Arte Contemporânea de Campinas ocorreu concomitante à criação do Museu de Arte Contemporânea de Campinas “José Pancetti” e a sua realização, bem como dos consequentes salões, teve como objetivo iniciar o acervo do museu recém fundado.

Inicialmente realizados nos mesmos moldes de um salão tradicional, os SACCs foram, ao longo de suas realizações, modificando seu caráter e sua estrutura e chegaram a destacar-se em âmbito nacional, principalmente nos anos de 1974 e 75.

Podemos destacar seu caráter inovador para o interior do Estado de São Paulo, já que no eixo Rio - São Paulo já aconteciam importantes mostras ou eventos como as *Jovem Arte Contemporânea* (JAC) do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, os *Panoramas* do Museu de Arte Moderna de São Paulo e os *Domingos de Criação* no aterro do Flamengo (anos 1970 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), entre outras. Podemos citar outras mostras de destaque em grandes centros no mesmo período, como os *Salões de Arte Moderna de Brasília*, a *Bienal da Bahia* e o *Salão da Bússola*.

Os Salões de Campinas eram promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura, ou seja, apesar da participação de um júri competente, era uma mostra instituída pela prefeitura da cidade. Já no caso das JACs e dos *Domingos de Criação*, temos duas pessoas que foram fundamentais para as artes, em especial durante essas duas décadas - 1960-70, envolvidas na realização dos eventos: Walter Zanini e Frederico Moraes respectivamente, o que não aconteceu em Campinas.

O que nos faz comparar os SACCs às citadas exposições é o fato de não pertencerem ao circuito das grandes mostras instituídas como as Bienais Internacionais de São Paulo ou os Salões de Arte Moderna do Rio de Janeiro e, ainda, percebemos a participação dos mesmos artistas fundamentais e a revelação de outros.

Os SACCs aos poucos transformaram-se em acontecimentos de grande relevância, procurados por artistas do Brasil todo, não apenas aqueles que buscavam um reconhecimento, mas também por nomes de prestígio nas artes plásticas dos anos 1970, como Evandro Carlos Jardim, Mira Schendel, Antonio Henrique Amaral, entre outros.

Entretanto, em entrevista, a crítica de arte e historiadora Aracy Amaral traz à luz um importante dado: “(...) a participação desses artistas não se deve apenas à relevância do evento, mas ao fato de que em inúmeras edições foram oferecidos prêmios em dinheiro aos primeiros colocados. Isso era uma prática freqüente de instituições, o que fazia com que esses artistas enviassem seus trabalhos a Salões no Brasil inteiro”².

² Entrevista realizada pela autora no dia 14/02/2007.

Todavia, o que nos permite afirmar com segurança que os SACCs consistiam em mostras nacionalmente reconhecidas é o grande número de inscrições de artistas encontradas na documentação histórica do MACC, provenientes dos mais diversos locais do país, que aumentavam substancialmente a cada ano.

Para cada mostra era formada uma comissão julgadora que selecionava e premiava os artistas. Os componentes dos júris dos SACCs, em sua maioria, eram críticos de arte e artistas de importante renome. A princípio os jurados eram responsáveis apenas pela seleção e premiação das obras, mas, a partir de 1971, começaram a discutir também a estrutura da exposição, o que acarretou, em 1974, 75 e 77, a total responsabilidade destes pela organização completa da mostra, desde sua idealização até a distribuição das obras pelo espaço expositivo.

A formação do júri modificou também a maneira como era realizada a premiação nos Salões. O número de artistas premiados diminuiu substancialmente no decorrer das realizações dos SACCs. Houve uma grande quantidade de artistas premiados nas primeiras mostras, além da atribuição de muitos prêmios por meio de empresas privadas, o que desapareceu definitivamente no V SACC (1969). Outra característica que diferenciou o citado salão foi o fim da distribuição de prêmios de caráter consagratório (prêmios honoríficos - medalhas de ouro, prata e bronze).

Ainda na mesma edição da mostra, os membros do júri, além de procurar levar ao público a arte mais atual daquela época, já pretendiam discutir como deveria ser realizado um Salão de Arte. Esse debate iniciou-se ao serem abolidas as divisões por categorias tradicionais da arte (desenho, gravura, pintura, escultura). Na apresentação do catálogo, Aracy Amaral levanta uma questão pertinente: qual o objetivo da realização de um salão, mais especificamente deste salão, no determinado período e na cidade de Campinas³.

Esta preocupação, na tentativa de ser atual, prolongou-se então até a última mostra. Porém, mostrou-se mais efetiva nos SACCs de 1971, 74 e 75. Primeiro, em 1971, no VII SACC, a comissão julgadora do certame de então - formada por Frederico Moraes, José Roberto Teixeira Leite, Mário Barata, Márcio Sampaio, Waldemar Cordeiro e Wolfgang Pheiffer - se reuniu após sua tarefa para debater a exposição, tal como ela ali se encontrava.

Márcio Sampaio, no *Suplemento Literário*⁴, afirma que os críticos chegaram a conclusões bastante interessantes e atuais. De acordo com documentos resgatados no arquivo do MACC, em resumo, foi sugerido que a Prefeitura de Campinas, pelo Departamento de Cultura, incumbiria o Museu de Arte Contemporânea de promover manifestações de Artes Visuais, durante os meses

³ AMARAL, Aracy. Apresentação. In: V Salão de Arte Contemporânea de Campinas. Campinas: MACC, 1969. Catálogo de exposição.

⁴ Suplemento Literário, Belo Horizonte, 9 de outubro de 1971, p.4.

de setembro e outubro e com seis meses de preparação; essas manifestações seriam desenvolvidas em quatro setores, sob a direção de quatro comissários especialmente nomeados; cada comissário teria a liberdade de conceber e estruturar a forma de manifestação de seu setor, a qual seria precedida de um diagnóstico crítico e seguida de debates conclusivos; a cada comissário competiria, basicamente, formular o tema da manifestação em seu setor (podendo esse tema ser da atualidade ou retrospectivo) fazer convites nacionais que lhe parecessem convenientes e possíveis, dentro dos meios que lhe fossem fornecidos, selecionar, da maneira que melhor lhe aprofundasse, as obras que lhe fossem enviadas espontaneamente, e escolher os canais de divulgação e os locais de realização que lhe parecessem mais adequados ao tema escolhido; e a última etapa seria um seminário geral e interdisciplinar, com a participação de artistas, críticos, representantes das Universidades locais e de outras entidades culturais e artísticas e do público interessado; e, finalmente os resultados finais da manifestação seriam publicados em monografia.

As direções por que se enveredou a arte visual brasileira, a importância que teve esta mostra neste contexto e a sua condição de sétimo Salão, o que deu ao museu que o promoveu uma experiência já considerável e um papel cultural artisticamente importante no setor da criatividade nacional (inclusive porque reunia trabalhos de praticamente todo o país) foram razões que determinaram que a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Campinas sugerisse promover um debate entre os membros do júri, propondo-lhes a apresentação dessas sugestões que visavam a uma reformulação pertinente e eficaz da idéia e do fato dos Salões de Arte, no sentido de uma maior 'utilidade' artística e cultural, com relação aos artistas e ao público. Mas as decisões do júri não foram retomadas no próximo ano.

Portanto, das soluções propostas pelo júri de 1971, chegou-se finalmente, em 1974, a sua primeira tentativa de atualização, quando o júri do momento decidiu fazê-la girar em torno de um tema e dividir a mostra entre artistas selecionados e artistas convidados, com o objetivo de trazer a Campinas diversos artistas de renome. Segundo Roberto Pontual, que integrou a comissão organizadora da mostra, o SACC foi reajustado em seus propósitos e regulamentos, através da proposta de uma comissão formada por ele, Márcio Sampaio e Olívio Tavares de Araújo⁵.

E assim nasceu o IX Salão de Arte Contemporânea de Campinas - *Desenho Brasileiro 74*, visto não apenas na cidade de origem, mas também no Rio de Janeiro e em Brasília. Além disso, podemos ainda destacar o caráter de abertura permanente que a realização deste Salão pretendia instaurar. "O que fizemos foi apenas uma proposta para esse ano", salienta Roberto Pontual. "E

⁵ Folha de São Paulo, São Paulo, 27 de outubro de 1974.

*em nossa justificativa está explícito que, nos próximos salões, outras comissões, em função de seus momentos específicos, deverão apresentar outros projetos, mantendo o salão rigorosamente em dia com a arte”.*⁶

Deste modo, para a edição de 1975, o Salão abriu-se ainda mais radicalmente modificado. Se, em 1974, houvera a intenção de equilibrar o sistema tradicional do concurso com a necessidade de contar com artistas significativos através do convite direto, no X SACC - *Arte no Brasil: Documento/ Debate* - eliminou-se por completo o primeiro modo.

A comissão julgadora, formada por Aracy Amaral, Frederico Moraes e Aline Figueiredo, voltou-se apenas para o princípio do convite, escolhendo doze artistas brasileiros *“com obra em plena maturidade, obras que se caracterizassem pela atualidade no nosso contexto, uma abrangência em termos territoriais assim como a diversidade das tendências vigentes”*.⁷ Os artistas convidados foram Mira Schendell, Rubem Valentim, Sérgio Camargo, João Câmara, Tomie Otake, Mário Bueno, Antonio Henrique Amaral, Franz Weissman, Amilcar de Castro, Humberto Espíndola, Nelson Leirner e Maria Leontina.

No entanto, o dado mais radical e importante deste Salão é que dele foi eliminada a presença direta, ou seja, física da obra. Ao invés de comparecer com duas ou três obras, cada artista encarregou-se de preparar uma documentação visual, em slides, capaz de indicar suas pretensões e os caminhos percorridos para pô-las em prática. Acompanhando a documentação visual, um texto depoimento, publicado em catálogo transferiu ao público o conhecimento da maneira pela qual o artista encara sua própria evolução, no contexto que o caracteriza. Durante três dias, 07, 08 e 09 de novembro de 1975, os doze artistas convidados debateram com o público suas obras mostradas em quarenta slides. Essa intensa vivência entre o público e os artistas, por três dias e entre os próprios convidados, é um fato importante para seu crescimento artístico.

Citando o crítico Roberto Pontual *“não é preciso dizer mais nada para comprovar a oportunidade e a utilidade de uma exposição como esta, que se mostrou suficientemente capaz de ousadia, com vistas a manter um mínimo de substância justificadora”*⁸.

Como o Salão anterior, este teve uma grande importância e uma enorme divulgação, visto que existem críticas em inúmeros jornais e periódicos da época e, ademais, ele não permaneceu em Campinas, viajando para o Rio de Janeiro - X SACC no MAM, São Paulo - X SACC na Pinacoteca do Estado e Brasília - X SACC em Brasília - Fundação Cultural do Distrito Federal.

⁶ Veja, São Paulo, 30 de outubro de 1974, p.27.

⁷ Catálogo do X Salão de Arte Contemporânea de Campinas.

⁸ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1976.

Considerações finais:

O Museu de Arte Contemporânea de Campinas foi um dos mais importantes museus do interior do Estado de São Paulo durante as décadas abordadas: 1960-70. Ainda durante essa época começaram a surgir outros museus de arte contemporânea e diversos salões no interior do Estado de São Paulo e em todo o país fora do eixo Rio - São Paulo, maior produtor e divulgador da arte de vanguarda até então⁹.

No percurso, de 1965 a 1969, os Salões de Arte Contemporânea de Campinas foram sensíveis às produções de vanguarda dos artistas dos anos 1960. Porém, os trabalhos em geral pouco romperam com as formas estéticas tradicionais. Houve a aceitação de trabalhos que dialogavam com o momento artístico e histórico do período e a introdução de novas formas de expressão, como objetos artísticos e instalações ou ambientais.

O papel de um júri crítico, consciente e atuante durante o período foi de efetiva importância para o evento e possibilitou desdobramentos para as edições posteriores, como a discussão do papel de um Salão de Arte e como este deve ser realizado. Em um pequeno histórico traçado pudemos perceber a atuação de alguns dos críticos que foram fundamentais para que os SACCs tivessem um formato mais adequado ou abrigassem a arte que de fato estava sendo produzida no período. Entre eles: Mário Schenberg, José Geraldo Vieira, Sérgio Ferro, Walter Zanini, Frederico Moraes, Aracy Amaral, Márcio Sampaio, Olívio Tavares de Araújo e Roberto Pontual.

A partir de 1970 houve um grande número de propostas efêmeras, ambientais e conceituais. A medida em que as obras mudavam seu caráter, os SACCs também se transformaram para poder abrigar o novo tipo de arte. Além disso, as edições do certame realizadas nos anos 1970 tiveram grande repercussão

nacional, nos meios de comunicação do período. Os dois últimos SACCs promoveram o pensar histórico e crítico sobre a produção artística da época por meio dos debates e seminários.

Ainda destaco que a realização dos Salões de Arte Contemporânea de Campinas teve fundamental relevância para a constituição do acervo do MACC. Os prêmios aquisição são hoje um importante registro da produção do período, sem o acesso a eles seria impossível desenvolver esse trabalho. Desempenharam ainda um relevante papel aos artistas agraciados, já que contribuíram para revelar e muitas vezes solidificar suas carreiras.

⁹ Ver LOURENÇO, Maria Cecília França. Museus acolhem o moderno. São Paulo: Edusp, 1999.